



O encontro dos adolescentes com a literatura a partir de experiências com a leitura

The encounter of adolescents with literature from experiences with reading

Joelma Maria dos Santos Gurgel

Titulação

Instituto Federal do Ceará

joelmamsurgel@gmail.com

Maria Celina Peixoto Lima

Titulação

Universidade de Fortaleza

celinapxlima@gmail.com

RESUMO

O ensino de literatura tem sido um assunto bastante frequente em estudos e discussões, tendo em vista que, com o avanço tecnológico, a leitura em sala de aula, principalmente a literária, está cada vez mais escassa, priorizando-se atividades que visam ao acesso às universidades; em geral, os textos literários são usados apenas como pano de fundo para resoluções de exercícios gramaticais. Além disso, observa-se o desafio de envolver os adolescentes em atividades que os interessem, que os convidem a participar de forma mais ativa e crítica no processo de leitura e interpretação de textos literários. Assim, este artigo tem como objetivo analisar o uso da literatura em sala de aula do ensino médio, a partir das experiências dos adolescentes com a leitura. Trata-se de uma pesquisa narrativa com abordagem qualitativa, buscando discutir os embates provocados pela falta de interesse dos adolescentes nesse tipo de leitura e analisar como convocá-los a terem uma participação mais ativa e crítica, diante das leituras apresentadas através das atividades propostas.

Palavras-chave: Leitura; literatura; experiências; ensino médio.

ABSTRACT

The teaching of Literature has been a very frequent subject in studies and discussions, considering that with the technological advance, reading, especially literary in the classroom, is increasingly scarce, prioritizing activities aimed at access to universities, in general, literary texts are used only as a background for solving grammatical exercises. In addition, there is also the challenge of involving young people in activities that interest them, that invite them to participate more actively and critically in the process of reading and interpreting literary texts. Thus, this article aims to analyze the use of literature in the high school classroom, based on the adolescents' experiences with reading. This is a narrative research with a qualitative approach, which seeks to discuss the clashes caused by the lack of interest of adolescents in this type of reading and to analyze how to invite them to have a more active and critical participation, before the readings presented through the proposed activities.

Keywords: Reading; literature; experiences; high school.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Apesar dos entraves e impasses que atravessam o ensino-aprendizagem de literatura, a sala de aula ainda se constitui como o lugar privilegiado para a formação do leitor. Podemos observar, na 5ª edição da pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil* (Instituto Pró-Livro, 2019), que 52% dos entrevistados jovens apontam os professores como seus principais influenciadores no hábito pela leitura; eles afirmam que começaram a se interessar por literatura por causa de indicação, da escola ou de um(a) professor(a).

Também constatamos essa realidade ao indagarmos aos alunos sobre a experiência deles com a leitura. Em geral, eles citam a escola como a maior incentivadora para o início ou continuidade do interesse pela leitura literária.

Além disso, enfatizamos que o encontro dos adolescentes com a literatura se dá de forma sistemática no ensino médio, segundo o que consta nos documentos oficiais; dentre eles, as Orientações Curriculares para o Ensino Médio (OCEM) lançadas em 2006, que têm como objetivo estruturar melhor o currículo e buscar atender às necessidades e expectativas das escolas e dos professores.

Especificamente sobre o ensino de literatura, as OCEM surgem para subsidiar e sistematizar o ensino no Brasil, além de apontar a importância do ensino-aprendizagem da literatura através dos textos literários, que, devido ao seu caráter plurissignificativo, pode auxiliar na compreensão da sociedade em que estamos inseridos.

Candido (2002) defende que a literatura tem uma função humanizadora devido a sua capacidade de confirmar a humanidade do homem, formando-o de maneira consciente ou inconsciente, visto que, segundo o autor, as obras que lemos nos afetam, atuando tanto quanto a escola e a família na formação do adolescente. Ele descreve a atuação do leitor ao se deparar com o texto literário:

(...) nivelado ao personagem pela comunidade do meio expressivo, se sente participante de uma humanidade que é a sua; e, deste modo, pronto para incorporar à sua experiência humana mais profunda o que o escritor lhe oferece como visão da realidade (Candido, 2002, p. 89-90).

Além disso, a partir das histórias, várias questões podem ser levantadas, tais como a característica específica das personagens, o desejo de mudança, o sentimento de cada personagem etc. Assim, podemos dizer que a obra literária atua de uma forma que não se pode perceber, trazendo situações que nos remetem ao pensar, a criar caminho de superação e a reavaliar nossas atitudes. Essas situações nos levam a um crescimento enquanto pessoa humana.

Segundo Brito (2010, p. 26), “cada leitor possui uma experiência própria, cotidiana e pessoal, tornando a leitura única, incapaz de se repetir, e este é o seu grande segredo”. A cada leitura uma nova interpretação, uma nova experiência. Brito (2010) afirma que através da leitura o indivíduo entende o mundo que o cerca e é transformado ao ponto de abrir sua mente para o desconhecido e construir um mundo melhor para si e para os demais.

Mas como alcançar os jovens que são o público-alvo do ensino médio? É comum observarmos em conversas com alunos, principalmente no primeiro dia de aula de Português/Literatura, em que se pergunta sobre o que eles leem, nós professores obtermos como resposta que, sim, em geral eles leem livros contemporâneos e volumosos de obras majoritariamente estrangeiras, muitas delas trazidas da tela para os livros e vice-versa. É interessante descobriremos que eles leem com certa rapidez e facilidade; contudo, não são nunca obras requisitadas por professores, mas escolhidas por eles mesmos.

Tais conversas nos levam a acreditar que os jovens precisam de motivação para ler e de algo que os impacte e lhes diga respeito, ou seja, algo que fale sobre eles e para eles. A partir desse ponto, questionamos então como se daria a prática pedagógica que envolvesse e engajasse os jovens nas atividades de literatura em sala de aula. Por fim, discutiremos a relação dos adolescentes com a literatura e as implicações dessa relação em suas experiências cotidianas.

2 A ESCOLA ENQUANTO LUGAR DE ENCONTRO COM A LITERATURA

Apesar de alguns jovens terem tido seu primeiro contato com a literatura ainda na infância e no seio familiar, é na escola que esse encontro se faz de forma compartilhada e colaborativa, em que os alunos e o professor leem juntos um mesmo

texto e apresentam suas ideias e impressões acerca do que foi lido. Tem-se aqui como finalidade, segundo Bräkling (2004):

(...) ensinar a ler, ou seja, criar condições para que as estratégias de atribuição de sentido (sejam relativas à mobilização de capacidades de leitura, ou utilização de determinados procedimentos e desenvolvimento de comportamentos leitores) sejam explicitadas pelos diferentes leitores, possibilitando, dessa forma, que uns se apropriem de estratégias utilizadas por outros, ampliando e aprofundando sua proficiência leitora pessoal (p. 5).

A leitura compartilhada e colaborativa auxilia no intercâmbio das ideias e experiências individuais e coletivas sobre o que foi lido, motivando os alunos a se envolverem nas atividades propostas. Além disso, alguns autores consideram que o envolvimento dos adolescentes em atividades escolares pode ajudá-los a enfrentar conflitos próprios dessa fase que Calligaris (2000) denomina de “limbo”, ou seja, um período em que o jovem não é nem criança, nem adulto; e apesar de fisiologicamente “pronto”, não está preparado para encarar as realidades da vida adulta.

Destacamos, portanto, que é nessa fase da vida, segundo o autor, que os jovens enfrentam vários conflitos no âmbito psíquico, daí a importância de se buscar meios para que eles consigam lidar com a turbulência que os afeta. Ressaltamos que esse período é caracterizado pelo desejo de se desvencilhar dos laços familiares e ir em busca de outras referências imaginárias e simbólicas; por isso, a escola se faz tão importante para eles, como lugar das vivências e experiências.

Para tanto, Todorov (2009) sugere que se utilize a literatura como um diálogo, que favoreça o encontro com o Outro – o interlocutor, que partilha das inquietações que a experiência da literatura provoca: alegrias, assombros, dúvidas, incertezas, discordâncias, conciliações, amor, ódio, inveja; sentimentos humanos que se legitimam quando trocados com o outro. Segundo o autor, “somos todos feitos do que os outros seres nos dão: primeiro nossos pais, depois aqueles que nos cercam; a literatura abre ao infinito as possibilidades de interações com os outros” (Todorov, 2009, p. 23).

Também Nunes (1998) nos diz que:

O saber de nós mesmos e dos outros, dos sentimentos primários como amor e ódio, quanto da estima, do respeito de si próprio, do reconhecimento do sujeito humano, de sua liberdade ou de sua

existência alienada, da compaixão e do sofrimento. É um saber que passa à linguagem na forma ficcional dos textos literários (p. 178).

Assim, o autor atesta a literatura como um instrumento de autoconhecimento e de compreensão do mundo, que pode auxiliar principalmente os adolescentes e jovens a exercitar a alteridade, através das experiências com a leitura.

3 EXPERIÊNCIAS COM A LITERATURA

Enquanto professora de Língua Portuguesa e Inglesa, e conseqüentemente de Literatura, deparo-me várias vezes com afirmações de adolescentes que, a partir de experiências com leituras de textos literários, tecem comentários como: “Muito eu... Me vendo nesse personagem”. Ou ainda: “Eu sou assim”, “Eu queria ser assim”.

Podemos, assim, perceber que os jovens buscam elementos com que eles se identificam, e que as narrativas apresentam modelos do comportamento deles, narrativas nas quais se reconhecem, se sentem compreendidos e aceitos. Dessa forma, percebemos que é comum que eles tenham seus livros favoritos, seus personagens e ídolos, os quais lhes inspiram, com os quais se identificam (Lima, 2006).

Sabemos que os processos de identificação se desenvolvem durante toda a vida, mas é na adolescência que ocorrem as transformações mais significativas. Conforme Zacarés (1997), é nesse período que a preocupação com a identidade se torna mais consciente e intensa, e também é aqui que ocorre a busca da identificação com o outro fora do círculo familiar. É nessa fase, segundo Rassial (1997), que o sujeito quer se afastar do vínculo familiar, mas que mesmo assim necessita de modelos para seguir. Tais modelos podem ser encontrados nos ídolos e personagens da literatura.

Logo, consideramos o encontro com a literatura como uma experiência que toca, que envolve e leva a experienciar algo, como afirma Heidegger (2011):

Fazer uma experiência com algo (...) significa que esse algo nos atropela, nos vem ao encontro, chega até nós, nos avassala e transforma. “Fazer” não diz aqui de maneira alguma que nós mesmos produzimos e operacionalizamos a experiência. “Fazer” tem aqui o sentido de atravessar, sofrer, receber o que nos vem ao encontro, harmonizando-nos e sintonizando-nos. É esse algo que se faz, que se envia, que se articula (p. 121).

Santos et al. (2019) ressaltam que uma obra literária terá impacto sobre o leitor se ele encontrar sentido nela; que isso se dá na junção das propriedades do texto com as experiências do leitor. Ao se deparar com uma linguagem subjetiva, é possível que o leitor se encontre com o que está exposto no texto, na medida em que o relaciona com suas experiências de vida.

Conforme Zilberman (1990), a literatura tem a capacidade de levar o leitor a refletir sobre sua rotina e a incorporar experiências novas. Dessa forma, o texto literário seria como um espelho para o leitor, levando-o a se enxergar e a se questionar sobre sua existência.

Considerando a literatura como fonte de conhecimento que pode auxiliar o professor a proporcionar aos alunos novas experiências, Cavalcanti e Pereira (2010) afirmam que o contato com o texto literário é importantíssimo no desenvolvimento emocional e cognitivo dos indivíduos, a fim de que eles se constituam cada vez mais como seres reflexivos e críticos. Os autores destacam também que, devido à pluralidade de significações desse tipo de texto – o que acarreta, conseqüentemente, várias interpretações, devido ao caráter subjetivo próprio dele –, não há uma única leitura própria e pronta; logo, pode-se produzir um diálogo *leitor-texto-autor*.

Assim, algumas pessoas leem uma obra e afirmam que essa leitura as transformou. Essa experiência, possível diante do encontro do leitor com o texto literário, é relatada e defendida por Kramer (2000). A autora define que a leitura deve ser trabalhada enquanto experiência, ou seja, aquela em que se compartilha daquilo que se sente, pensa ou vive, podendo ampliar as ações e reflexão crítica sobre as coisas da vida e da morte, os afetos e suas dificuldades, os medos, os sabores e dissabores; aquela que permite conhecer situações relativas ao mundo social e as variadas lutas por justiça, bem como o reconhecimento de valores como solidariedade, generosidade e coletividade.

Além dos autores já citados, enfatizaremos que também nos documentos oficiais brasileiros a prática da literatura enquanto experiência é mencionada e incentivada. Nas Orientações Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (OCNs), a experiência da leitura literária é entendida como o contato efetivo com o texto, em que se experimenta a sensação de estranhamento, próprio da linguagem literária, que por sua característica plurissignificativa possibilita a ampliação de horizontes, o questionamento, a reflexão, o encontro com a sensibilidade e a subjetividade – um

conhecimento muito diferente do científico (Brasil, 2006). É importante, como sugere Lajolo (2001), que haja o encontro do leitor com o texto através de leituras que sejam próximas de sua realidade, para que haja interesse e que o leitor se reconheça na obra.

Podemos apontar, como sugere Freire (2011), que o ato de ler é importante, pois a leitura da palavra articula-se com a leitura do mundo. Dessa forma, a leitura está relacionada com as experiências e as vivências dos leitores; através dela nos deparamos com a possibilidade de encontrar o “Outro” através de um personagem e “experienciar” situações vividas cotidianamente através das narrativas.

Lewis (2009) destaca que o autor de uma obra ficcional tem o objetivo de tocar o leitor através da linguagem da literatura, peculiarmente carregada de significações, o que pode auxiliar na discussão das questões que estão na mente do homem a respeito da interpretação do mundo. Ele defende que as narrativas literárias podem provocar várias emoções, além de conduzir a outros conhecimentos, proporcionando a visão da realidade por meio de outros olhos, os olhos das personagens.

Lewis (2009) apresenta a relação entre o leitor e o outro (personagem), como uma experiência de alteridade, o que permite o acesso a outras experiências que não sejam a do leitor; e também oportuniza o compartilhamento de alegrias e tristezas, gostos e desgostos, valores e crenças etc. Assim, a cada imersão no texto, o leitor tem sua vivência enriquecida pela experiência de ver a vida com os olhos dos outros, que o texto literário lhe proporciona.

Segundo o autor, a história ficcional alimenta a imaginação do leitor, principalmente as que se direcionam aos jovens leitores, visto que eles têm em sua essência “curiosidade, imaginação, suspenção da incredulidade, apetite insaciável por aspectos sobrenaturais, prontidão para maravilhas, espanto, assombro e admiração” (LEWIS, 2009, p. 27).

Da mesma forma, Nunes (1998) considera que a leitura literária na formação dos adolescentes funciona como um instrumento de conhecimento e de compreensão do mundo, criando experiências que permitem, por proximidade ou distanciamento, o exercício da alteridade. Ele diz que:

O saber de nós mesmos e dos outros, dos sentimentos primários, como amor e ódio, quanto da estima, do respeito de si próprio, do reconhecimento do sujeito humano, de sua liberdade ou de sua existência alienada, da compaixão e do sofrimento. É um saber que

passa à linguagem na forma ficcional dos textos literários (Nunes, 1998, p. 178).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Segundo os autores citados ao longo desta pesquisa, quando se lê literatura de forma subjetiva, lendo as “entrelinhas”, compreendendo, interpretando e interagindo com o texto, as práticas pedagógicas dão mais significado ao ato de ler literatura; elas não formam apenas “letores” que decodificam textos em leituras mecânicas, mas “convidam” os alunos a participarem de forma ativa das atividades propostas em sala de aula.

Quando os alunos são “convocados” a serem atuantes no processo da leitura, o envolvimento se dá de forma mais natural, visto que o professor atuará não como o centralizador, o que tem a resposta, mas como mediador, a “ponte” entre o texto e o aluno, facilitando o diálogo entre as partes envolvidas nas atividades.

Sabe-se que os adolescentes têm seus ídolos, seus influenciadores, e que necessitam de referências nesta fase da vida. Dessa forma, suas experiências com a leitura através de atividades propostas em sala de aula podem auxiliá-los no reconhecimento, na obra, de personagens e narrativas, dando-lhes voz através das interações, dos diálogos, das ideias e interpretações compartilhadas.

Além disso, novas experiências poderão ser vivenciadas através da construção coletiva de significados produzidos a partir das leituras e da atuação dos participantes nas atividades, possibilitando “experenciar” a leitura através dos outros – sejam esses “outros” o autor, o texto, o professor ou os colegas de sala.

Conclui-se, portanto, que o encontro dos adolescentes com a literatura através da experiência com a leitura se constitui como um meio viabilizador de vivências importantes nesta fase da vida, além de proporcionar um ambiente de aprendizagem participativa e construtiva para todos os envolvidos nas atividades propostas.

REFERÊNCIAS

BRÄKLING, K. **Sobre a leitura e a formação de leitores**. São Paulo: Fundação Vanzolini, 2004.

BRASIL. **Orientações Curriculares Para o Ensino Médio: linguagens, códigos e suas tecnologias**. Brasília: MEC/SEB, 2006.

BRITO, D. A importância da leitura na formação social do indivíduo. **Revela**, v. 4, n. 8, p. 23-30, 2010. Disponível em: https://www.fals.com.br/revela/revela026/REVELA%20XVII/Artigo4_ed08.pdf. Acesso em: 20 fev. 2023.

CALLIGARIS, C. **A adolescência**. São Paulo: Publifolha, 2000.

CANDIDO, A. **Textos de intervenção**. São Paulo: Ed. 34, 2002.

CAVALCANTI, L.; PEREIRA, C. O Valor e a Importância da Literatura para a Formação do Homem: dois autores, Machado de Assis e Manuel Bandeira. **Travessias**, v. 4, n. 3, p. 425-439, 2010. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/4621>. Acesso em: 20 fev. 2023.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez, 2011.

HEIDEGGER, M. **A Caminho da Linguagem**. Petrópolis: Vozes, 2011.

INSTITUTO PRÓ-LIVRO. **Retratos da Leitura no Brasil**. Rio de Janeiro: Sextante, 2019.

KRAMMER, S. Leitura e escrita como experiência: seu papel na formação de sujeitos sociais. **Acta Alimentaria**, v. 6, n. 31, p. 17-27, 2000. Disponível em: <https://www.enago.com.br/journal/Acta-Alimentaria-2/>. Acesso em: 20 fev. 2023.

LAJOLO, M. **Literatura: leitores e leitura**. São Paulo: Moderna, 2001.

LEWIS, C. S. **Um experimento na crítica literária**. São Paulo: UNESP, 2009.

LIMA, M. Sobre a escrita adolescente. **Estilos da Clínica**, v. 11, n. 20, p. 58-71, 2006. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1415-71282006000100005. Acesso em: 20 fev. 2023.

NUNES, B. **Crivo de papel**. São Paulo: Ática, 1998.

RASSIAL, J.-J. **A Passagem Adolescente: da Família ao Laço Social**. Rio de Janeiro: Artes e Ofícios, 1997.

SANTOS, R.; FERREIRA, S.; SANTOS, D. Literatura e psicanálise: a presença do inconsciente na escrita de Clarice Lispector. In: SOUSA, I. (org.). **Letras, Linguística e Artes: Perspectivas Críticas e Teóricas**. Ponta Grossa: Atena, 2019. p. 406-418.

TODOROV, T. **A literatura em perigo**. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

ZACARÉS, J. J. El desarrollo de la identidad adolescente desde el paradigma de los status de identidad del ego: cuestiones críticas. *In: Congreso de la Infancia e de la Adolescencia* [Comunicação], 3, Oviedo, Espanha, 1997.

ZILBERMAN, R. A. **Literatura e Pedagogia: ponto & contraponto**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990.